

I - Perdidos em Concón

Em janeiro de 2012 eu estava no Chile fazendo uma exposição na Casa E, em Valparaíso. Por um acaso também se encontrava lá minha amiga Maria Berrios e, certo dia, conversando na cidade de Santiago, decidimos ir juntos ao arquivo da Escola de Arquitetura e Desenho da Universidade Católica de Valparaíso. Nós dois precisávamos voltar para Valparaíso, eu para um debate, e Maria tinha agendada uma visita com Dom Adolfo, o encarregado do arquivo de *La Escuela*¹, onde ela tinha passado aproximadamente 2 anos pesquisando. A visita foi toda uma descoberta para mim. Mesmo tendo algum conhecimento da história da Escola, esta visita foi uma experiência única no sentido de poder conhecer as pessoas que trabalhavam no lugar – embora fosse apenas uma primeira introdução – mas, acima de tudo, pelo fato de ver pessoalmente um material de arquivo que abrangia dos anos 50 aos 80. Aquilo que vi me pareceu radical, por sua mistura de exploração espacial e poética como metodologia pedagógica. Os registros do *Taller de Arquitectura* (Oficina de Arquitetura) e do *Curso del Espacio* (Curso do Espaço) (circa 1958) eram simples folhas de papel dobradas, com fotografias em preto e branco e textos descritivos dos exercícios realizados. O mais simples, e meu preferido, tinha uma pequena foto de uma casa de Valparaíso, e uma outra foto maior, com uma vista geral de casas em um morro da mesma cidade. Ambas acompanhadas com o seguinte texto: “Fotografias #5. Casas de Valparaíso. A fotografia pequena é uma reprodução das que foram entregues aos alunos na tarefa de localizar uma casa nos morros de Valparaíso. A outra fotografia é um exemplo da estrutura desses morros. Oficina do Professor: J. Vial.” O exercício, portanto, consistia em caminhar pelos morros até encontrar a dita casa. Ou seja, deambular, perder-se, e não a certeza do que fazer ou para onde ir, de forma acadêmica, com um objetivo. Dom Adolfo despediu-se de nós com um grande sorriso e com o insistente convite para voltarmos lá.

A segunda parte da nossa mini exploração consistiu em visitar Manuel Casanueva, ex-professor da Escola e criador dos Torneios. Novamente, eu conhecia pouco ou nada de seu trabalho, basicamente aquilo que tinha acabado de ver no arquivo onde existiam algumas imagens que achava ter visto anteriormente, em alguma publicação. Embora a distância entre Valparaíso e Concón seja curta (uma meia hora de carro) e María afirmava conhecer o caminho, a gente se perdeu. Dando voltas por Concón e arredores por quase uma hora, ou mais, procurando uma rua e uma casa, mas sem saber bem como diferenciar entre um caminho de terra e outro. Concón, como muitos outros povoados do litoral chileno, possui uma mistura exata e extremamente bela de campo e mar, pelo que encontrando-nos entre os morros e o mato e sem sinalização urbana importante – e escutando o mar ao longe – não é estranho perder a orientação. Ataques de riso e um pouco de medo de chegar tarde demais, pois Manuel já tem certa idade, dramatizaram o caminho, mas, finalmente, chegamos. Por um momento me senti como aquele estudante procurando a casa perdida em Valparaíso. Só que confortavelmente sentado no carro.

Tenho a sensação de que Manuel nos recebeu numa mistura de felicidade e desconfiança. Felicidade por ver a Maria novamente e desconfiança, acho, por quem seria eu, esse “intruso”... Maria já tinha advertido que Manuel sofria de Parkinson, mas ao vê-lo caminhar e se abaixar com dificuldade, fiquei surpreso com a energia que mostrava... parecia-me – mesmo que soe clichê – que uma força interna, na sua mente, lutava contra seu corpo na contramão das suas limitações. Essa foi a minha primeira impressão. Depois, sentados no seu gabinete, conseguimos conversar com calma, e foi impressionante ver as incríveis fotografias coloridas, de formato mediano, de vários dos Torneios organizados por ele e por outros professores. Tomamos chá. Conversamos mais. Falou das vestes e dos implementos de cada torneio, lembrando de cada evento. Terminou mostrando seus desenhos em aquarela, mais recentes e singelos que o resto do trabalho realizado nos Torneios, no entanto, cheios de cor e choques formais. Eram o resultado de uma pessoa que não podia ficar de pé, nem mesmo quando seu corpo lhe pedia.

Sua casa era muito simples. Modernismo chileno de classe média, do litoral, casas de pé direito baixo e paredes de tijolo. Com um pátio e um corredor com uma grande janela panorâmica. Fora, uma escultura de metal sobre uma mesa de vidro. Cadeiras em torno dela, como se estivessem a observá-la. Ao que tudo indica, presente de um amigo². Por um instante, essa cena lembrou-me uma experiência escultórica que eu tinha realizado um ou dois anos antes. Passaram um par de horas e fomos embora. No entanto, as imagens desses jovens divertindo-se, brincando e explorando seus corpos

e seus vínculos ficaram gravadas... essa experimentação formal e festiva, colorida e poética... Como aprender mais com isso? Por que é tão pouco conhecido? Por que não nos ensinam essa história na escola de arte? Qual a relação ou a não relação com os artistas brasileiros da mesma época? (Lygia Clark, Lygia Pape e Hélio Oiticica) Como aconteceu algo desse gênero em uma escola de arquitetura? Poderia ser esse o elo perdido da vanguarda chilena (em relação às outras vanguardas da América Latina)? Fui embora com todas essas perguntas, e ainda mais... Com vontade de fazer algo com isso tudo. De difundir esse trabalho. Um trabalho de anos, e que anos! Tão bonito e tão escondido.

II- Resistindo no Rio de Janeiro!

A ideia de expor o trabalho de Manuel Casanueva surge a partir de um convite de Pablo León de la Barra. Acho que ele compartilha meu interesse por produzir um diálogo entre essa história tão particular (os Torneios, mas estendido à Escola de Valparaíso) com a história da arte brasileira. Acho que compartilhamos também, como Pablo lembrou ontem, um espírito um pouco *punk*, isto é, o de fazer a mostra com pouca coisa e sempre beirando o fracasso. Se lembro bem esta é a nossa terceira ou quarta experiência do gênero. Explico: esta mostra, originalmente, seria realizada na Casa França-Brasil, no entanto, quase desde o início até o final do projeto ele esteve “em crise”. Literalmente, no dia em que viajava para o Rio com o objetivo de montar a exposição, recebi um e-mail me contando que por ordem da Secretaria de Cultura do Estado do Rio, a Casa França-Brasil deveria “ficar vazia”. Depois de ficarmos 2-3 horas enviando e-mails, ida e volta, tentando gerenciar outro espaço, Pablo recebeu uma milagrosa resposta, o generoso resgate dos amigos da Despina | Largo das Artes. Apesar de termos achado uma solução, não consegui deixar de imaginar milhares de razões para este fiasco institucional. Casa França-Brasil tinha um compromisso com o Ministério das Relações Exteriores do Governo do Chile, que financiou a reedição do livro *Jugador como pelota, pelota como cancha* (Jogador como bola, bola como campo) e, além disso, minha viagem e permanência no Rio, será uma consequência menor (muito menor) de golpe político-midiático da direita brasileira? Será simplesmente desapego? Será que alguém muito mais influente do que nós decidiu casar e usar a Casa França-Brasil para uma festa? Será que a cultura, ou melhor, o intercâmbio cultural entre dois países irmãos, já não é uma prioridade? Pensando que as olimpíadas estão próximas, tomara que a presente exposição – e todo o fracasso e os desencontros que a antecederam e marcaram – não seja mais do que um humilde gesto de resistência à burocracia, ou pior, às escuras manipulações do poder. Que ofereça um momento lúdico, de brincar e explorar... do mesmo jeito que acontecia com os jovens chilenos nos anos 80 à beira do Oceano Pacífico, rodando sobre uma estrutura feita de *coligüe*³ e esquecendo completamente daquilo que ocorria lá fora, mostrando outra forma de viver.

Para terminar:

O *suprasensorial*, segundo Hélio Oiticica, é “a tentativa de criar, por proposições cada vez mais abertas, exercícios criativos, prescindindo mesmo do objeto tal como ficou sendo categorizado - não são fusões de pintura-escultura-poema, obras palpáveis, se bem que possam possuir este lado. São dirigidas aos sentidos, para através deles, da ‘percepção total’, levar o indivíduo a uma ‘supra-sensação’, ao dilatamento de suas capacidades sensoriais habituais, para a descoberta do seu centro criativo interior, da sua espontaneidade expressiva adormecida, condicionada ao cotidiano”⁴.

Felipe Mujica, Maio 2016.

1- A Escola de Arquitetura e Desenho da Pontifícia Universidade Católica de Valparaíso é, informalmente, chamada de “La Escuela de Valparaíso” ou simplesmente “La Escuela”.

2- Algum tempo depois descobri que a escultura era de Claudio Girola, artista argentino radicado no Chile desde 1952, fundador y docente da Escola de Valparaíso

3- Coligüe é uma madeira leve e muito resistente que pertence à família dos bambus.

4- Hélio Oiticica, “Hélio Oiticica, Galerie nationale du jeu de paume (France)”, página 125.